

GÊNESE DA MODERNIDADE:

representações do Art Déco na paisagem urbana de Ponta Grossa (PR)

EIXO TEMÁTICO 03: Representações, Memória e Preservação do Urbano

STREMEL, Yasmin Aynara

Arquiteta e Urbanista; Unicesumar
yasminstremel@gmail.com

PAGANINI, Giovana

Mestranda; UEPG
giovanapaganini@gmail.com

SGARBOSSA, Gabriela Kratsch

Doutoranda; UEPG
gsgarbossa@uepg.br

RESUMO

O presente artigo analisa a incidência da arquitetura Art Déco na área central de Ponta Grossa (PR), entre 1925 e 1950, compreendendo-a não apenas como linguagem formal, mas como representação material de um imaginário de modernidade associado ao ciclo ferroviário-industrial. Ao deslocar o enfoque do inventário arquitetônico para a dimensão simbólica da paisagem, o estudo interpreta o Art Déco como dispositivo de construção de memória urbana e afirmação identitária em uma cidade do interior paranaense. A metodologia combinou pesquisa bibliográfica, levantamento de campo e análise documental, resultando na identificação de 146 imóveis com características vinculadas à expressão. Os dados revelam um processo de transformação silenciosa dessas edificações, com substituição de elementos originais e mudanças de uso, evidenciando tensões entre permanência formal e apagamento patrimonial. Argumenta-se que tais construções configuram um patrimônio moderno ainda pouco reconhecido, cuja preservação implica enfrentar disputas simbólicas sobre quais narrativas urbanas merecem ser mantidas.

Palavras-chave: Art Déco; memória urbana; paisagem cultural; patrimônio moderno; cidades médias.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article analyzes the presence of Art Déco architecture in the central area of Ponta Grossa (Paraná, Brazil) between 1925 and 1950, understanding it not merely as a formal language but as a material representation of an imaginary of modernity associated with the railway-industrial cycle. By shifting the focus from architectural inventory to the symbolic dimension of the urban landscape, the study interprets Art Déco as a device for the construction of urban memory and identity affirmation in a medium-sized city in the interior of Paraná. The methodology combined bibliographic research, field survey, and documentary analysis, resulting in the identification of 146 buildings with characteristics linked to this architectural expression. The findings reveal a process of silent transformation affecting these structures, including the replacement of original elements and changes in use, thus highlighting tensions between formal permanence and heritage erasure. It is argued that these constructions constitute a form of modern heritage that remains insufficiently recognized, and whose preservation requires confronting symbolic disputes over which urban narratives deserve to be maintained.

Keywords: Art Déco; urban memory; cultural landscape; modern heritage; middle-sized cities.

RESUMEN

El presente artículo analiza la incidencia de la arquitectura Art Déco en el área central de Ponta Grossa (Paraná, Brasil) entre 1925 y 1950, comprendiéndola no solo como lenguaje formal, sino como representación material de un imaginario de modernidad asociado al ciclo ferroviario-industrial. Al desplazar el enfoque del inventario arquitectónico hacia la dimensión simbólica del paisaje urbano, el estudio interpreta el Art Déco como dispositivo de construcción de memoria urbana y de afirmación identitaria en una ciudad media del interior paranaense. La metodología combinó investigación bibliográfica, trabajo de campo y análisis documental, lo que permitió identificar 146 inmuebles con características vinculadas a esta expresión arquitectónica. Los resultados evidencian un proceso de transformación silenciosa de estas edificaciones, con sustitución de elementos originales y cambios de uso, poniendo de manifiesto tensiones entre permanencia formal y borramiento patrimonial. Se sostiene que estas construcciones configuran un patrimonio moderno aún poco reconocido, cuya preservación implica enfrentar disputas simbólicas sobre qué narrativas urbanas merecen ser preservadas.

Palabras clave Art Déco; memoria urbana; paisaje cultural; patrimonio moderno; ciudades medias.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

A emergência da arquitetura Art Déco nas primeiras décadas do século XX insere-se em um contexto de intensas transformações técnicas, sociais e culturais associadas à consolidação da modernidade industrial. Surgida na Europa, especialmente a partir da *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes*, realizada em Paris em 1925, essa linguagem arquitetônica e artística constituiu uma resposta estética às inovações tecnológicas, à cultura de massas e à reorganização dos modos de vida urbanos. Caracterizou-se pela racionalização dos ornamentos, pela geometrização das formas, pelo emprego de linhas verticais e escalonadas, bem como pelo uso de materiais construtivos associados ao progresso técnico, como o concreto armado, o aço e o vidro. Conforme destaca Frampton (2000), a consolidação dessa expressão não significou apenas uma mudança formal, mas uma reconfiguração simbólica da arquitetura como mediadora entre técnica e representação.

No Brasil, a difusão do Art Déco ocorreu quase paralelamente à experiência europeia, acompanhando o processo de modernização urbana vivido nas primeiras décadas do século XX. Em um país marcado por fortes desigualdades regionais, a incorporação dessa linguagem arquitetônica não se restringiu às grandes capitais, como Rio de Janeiro, São Paulo ou Belo Horizonte. Ao contrário, espalhou-se por cidades médias e centros regionais que buscavam afirmar sua inserção no projeto nacional de modernização. Inicialmente associada aos arranha-céus e edifícios institucionais das capitais, a linguagem rapidamente se expandiu para diferentes tipologias, tais como residências, cinemas, lojas de departamentos, emissoras de rádio, edifícios fabris, configurando-se como estética versátil e amplamente assimilável. Como aponta Correia (2010), o Art Déco consolidou-se como “arte de massa”, acessível a diferentes estratos sociais e adaptável a diversas escalas urbanas.

É nesse movimento de interiorização da modernidade que se insere o município de Ponta Grossa, localizado na região dos Campos Gerais, no estado do Paraná. Sua formação histórica remonta ao ciclo tropeiro do século XIX, quando a cidade se consolidou como ponto estratégico de passagem e articulação de fluxos econômicos entre o sul e o sudeste do país. A posição geográfica privilegiada, associada à função de entreposto comercial, conferiu-lhe centralidade regional ainda antes da consolidação de sua estrutura urbana mais complexa. Contudo, foi com a implantação da ferrovia São Paulo–Rio Grande do Sul, inaugurada no início do século XX, que Ponta Grossa experimentou uma inflexão decisiva em sua trajetória urbana. A ferrovia não apenas dinamizou a

PENSAR FORA DO EIXO

economia local, como também reorganizou o território, estruturando novos eixos de expansão, consolidando áreas centrais e estimulando o surgimento de atividades industriais e comerciais (Monastirsky, 2001).

Esse período, compreendido entre as décadas de 1920 e 1950, coincide com o momento de difusão do Art Déco no Brasil. Em Ponta Grossa, a linguagem arquitetônica foi incorporada como signo de modernidade, acompanhando o primeiro ciclo industrial local, associado ao beneficiamento de erva-mate, à atividade madeireira e à consolidação do comércio urbano. A paisagem central passou a refletir as transformações econômicas e simbólicas que atravessavam a cidade: ruas calçadas, iluminação pública, cinemas, edifícios comerciais e residências com fachadas geometrizadas compunham um cenário que comunicava progresso e inserção no imaginário moderno nacional (Knebel, 2001). Nesse sentido, o Art Déco não pode ser compreendido apenas como estilo arquitetônico, mas como representação material de um projeto urbano e identitário.

A caracterização de Ponta Grossa como cidade média é fundamental para compreender esse processo. As cidades médias brasileiras desempenham papel estratégico na rede urbana, articulando escalas regionais e nacionais e funcionando como polos de serviços, comércio e intermediação econômica (Sposito, 2007). Diferentemente das metrópoles, onde a historiografia urbana é mais consolidada, as cidades médias frequentemente permanecem à margem das narrativas hegemônicas sobre modernidade e patrimônio. Essa condição reforça a necessidade de investigações que evidenciem como processos globais, como a difusão de linguagens arquitetônicas modernas, foram apropriados, reinterpretados e materializados em contextos locais específicos.

No âmbito das discussões contemporâneas sobre memória urbana e preservação do patrimônio, a arquitetura moderna ocupa posição ambígua. Por um lado, constitui testemunho material de um período recente, associado à industrialização e à consolidação do Estado nacional; por outro, frequentemente não é reconhecida como patrimônio digno de preservação, seja por sua proximidade temporal, seja por sua aparente simplicidade formal (Kühl, 2009). No caso do Art Déco, essa ambivalência é ainda mais evidente: embora tenha sido a primeira linguagem efetivamente moderna na arquitetura, conforme Benevolo (2001), sua dimensão decorativa levou parte da crítica a considerá-lo transitório ou secundário frente ao modernismo racionalista posterior. Tal percepção contribui para a invisibilidade patrimonial dessa produção, especialmente em cidades fora dos grandes eixos metropolitanos.

PENSAR FORA DO EIXO

É nesse contexto que se insere a problemática central deste estudo: como a presença da arquitetura Art Déco na área central de Ponta Grossa pode ser interpretada como expressão material da modernidade local e, simultaneamente, como suporte de memória urbana sujeito a processos de transformação, descaracterização e apagamento? A investigação parte da hipótese de que essas edificações configuram um patrimônio moderno ainda pouco reconhecido, cuja permanência formal convive com alterações significativas em seus elementos construtivos e em seus usos, revelando tensões entre preservação e dinâmica econômica.

A justificativa da pesquisa fundamenta-se, portanto, em três dimensões complementares. Primeiramente, contribui para o campo da história da arquitetura e do urbanismo ao preencher lacuna relativa à produção moderna em cidades médias do interior brasileiro. Em segundo lugar, dialoga com o debate sobre representações urbanas ao compreender o Art Déco como linguagem simbólica que comunica valores sociais, econômicos e culturais associados à modernidade. Por fim, insere-se nas discussões sobre memória e preservação ao evidenciar processos de transformação silenciosa da paisagem central, marcados pela substituição de esquadrias, alterações de revestimentos e mudanças de uso.

O objetivo geral da pesquisa consiste em mapear e analisar a incidência da arquitetura Art Déco na área central de Ponta Grossa, entre 1925 e 1950, interpretando-a como representação da modernidade local e como elemento constitutivo da memória urbana. Como objetivos específicos, busca-se: (a) caracterizar historicamente o contexto de difusão da linguagem na cidade; (b) identificar e catalogar os exemplares existentes na área delimitada; (c) analisar suas características formais e tipológicas; e (d) discutir os processos contemporâneos de permanência e transformação dessas edificações.

Para atingir tais objetivos, a pesquisa foi estruturada em duas grandes etapas complementares. A primeira consistiu em abordagem teórico-conceitual, desenvolvida por meio de método exploratório e apoiada em pesquisa bibliográfica e documental. Foram analisados livros, artigos científicos e estudos sobre Art Déco no Brasil, história urbana e formação de Ponta Grossa, visando estabelecer referencial interpretativo capaz de articular arquitetura, modernidade e memória.

A segunda etapa correspondeu à abordagem empírica, subdividida em quatro fases. Inicialmente, delimitou-se o polígono de estudo na área central da cidade, considerando critérios históricos e morfológicos. Em seguida, realizou-se levantamento de campo, com identificação in loco das edificações e preenchimento de fichas de inventário, registrando elementos compositivos, tipologia,

PENSAR FORA DO EIXO

número de pavimentos, características de fachada e estado de conservação. Posteriormente, desenvolveu-se pesquisa documental em acervos fotográficos e projetos arquitetônicos, permitindo confrontar as condições atuais com registros históricos. Por fim, organizou-se um quadro analítico com base nos dados coletados, possibilitando interpretar padrões de permanência e descaracterização.

Ao integrar contextualização histórica, análise formal e reflexão sobre memória urbana, este estudo busca contribuir para o debate sobre representações da modernidade em cidades médias brasileiras. Ao reconhecer o Art Déco como parte constitutiva da paisagem e da identidade urbana de Ponta Grossa, pretende-se ampliar o campo de discussão sobre preservação do patrimônio moderno e sobre os critérios que orientam a valorização ou o silenciamento de determinadas narrativas arquitetônicas no espaço urbano contemporâneo.

1 O ART DÉCO COMO REPRESENTAÇÃO DA MODERNIDADE, MEMÓRIA E DISPUTA NA PAISAGEM URBANA

A consolidação do Art Déco nas primeiras décadas do século XX não pode ser compreendida apenas como transformação formal no campo da arquitetura, mas como expressão histórica de um momento específico da modernidade urbana e de suas representações. Surgida na Europa em meio às transformações técnicas e culturais do pós-Primeira Guerra Mundial, essa linguagem articulava racionalização ornamental, geometrização das formas, ênfase na verticalidade e incorporação de materiais industrializados, como concreto armado, aço e vidro, a uma estética que pretendia simbolizar dinamismo, progresso e confiança no futuro (Frampton, 2000). Mais do que solução construtiva, o Art Déco operava como linguagem visual capaz de comunicar pertencimento a um tempo novo.

Entretanto, reduzir o Art Déco a um repertório estilístico significa obscurecer sua potência como representação social da cidade. Como argumenta Bernard Lepetit (2001), o espaço urbano é construção histórica resultante de práticas, representações e disputas simbólicas. A cidade não é mero cenário onde se depositam formas arquitetônicas; ela é produto de narrativas que organizam o passado e projetam o futuro. A arquitetura participa ativamente dessa construção, funcionando como meio de inscrição material de valores e expectativas coletivas.

Nesse sentido, o Art Déco pode ser interpretado como dispositivo de produção de imaginário urbano. Ao traduzir em formas arquitetônicas os valores associados à industrialização, à cultura de

PENSAR FORA DO EIXO

massas e à aceleração técnica, a linguagem contribuiu para configurar uma determinada imagem da cidade moderna. No Brasil, sua difusão acompanha o processo de urbanização intensificada nas primeiras décadas do século XX. Inicialmente associada aos arranha-céus e edifícios institucionais das capitais, a expressão rapidamente se dissemina por cidades médias e centros regionais, adaptando-se a tipologias diversas, como residências, cinemas, lojas de departamentos e edifícios comerciais (Correia, 2010).

Essa difusão deve ser analisada à luz da reorganização da rede urbana brasileira. Como propõe Milton Santos (2023), a urbanização nacional estrutura-se por meio de articulações entre escalas, nas quais cidades médias desempenham papel estratégico como polos regionais de serviços e intermediação econômica. A adoção de linguagens arquitetônicas modernas nesses centros não constitui mera reprodução periférica de modelos metropolitanos, mas estratégia de afirmação identitária e de produção simbólica de centralidade. A arquitetura torna-se instrumento de visibilidade e afirmação, inscrevendo no território a ambição de modernidade.

Essa dimensão é particularmente relevante quando se considera o debate sobre representações urbanas. A paisagem central das cidades médias, ao incorporar o Art Déco, não apenas respondia a demandas funcionais emergentes, mas construía narrativa visual do progresso. Fachadas escalonadas, frisos verticais, marquises e platibandas geométricas constituíam signos reconhecíveis de inserção no projeto moderno nacional. A forma arquitetônica tornava-se meio de comunicar dinamismo econômico, sofisticação cultural e atualização técnica (figura 1).

Figura 1. Exemplo de edificação art déco em Ponta Grossa, Rua do Rosário



Fonte: Autoras, 2026

PENSAR FORA DO EIXO

A reflexão de Aldo Rossi (2001) contribui para aprofundar essa análise ao compreender a cidade como estrutura composta por fatos urbanos dotados de permanência. Para Rossi, a arquitetura é elemento central na constituição da memória coletiva, pois certas formas persistem e organizam a experiência urbana ao longo do tempo. A cidade é locus da memória, e suas permanências estruturais tornam-se referências identitárias. Sob essa perspectiva, as edificações Art Déco, ao permanecerem na paisagem central de cidades médias, configuram marcos que condensam a memória de um período de expansão econômica e reconfiguração simbólica.

Todavia, como enfatiza Maurício de Abreu (1998), a memória das cidades não é homogênea nem espontânea; trata-se de construção social permanentemente disputada. Diferentes grupos produzem narrativas distintas sobre o passado urbano, e nem todas alcançam legitimidade institucional. A memória urbana é seletiva, marcada por processos de valorização e silenciamento. A arquitetura, nesse contexto, torna-se campo de disputa: o que se preserva, o que se transforma e o que se apaga expressa hierarquizações simbólicas.

Aplicada ao caso do Art Déco, essa perspectiva evidencia sua posição ambígua no campo patrimonial. Embora constitua testemunho material da industrialização e da consolidação de cidades médias no interior brasileiro, essa produção nem sempre é reconhecida como patrimônio digno de proteção. A proximidade temporal, a associação à cultura comercial e sua posição intermediária entre ecletismo e modernismo pleno contribuem para sua invisibilidade relativa. A consagração do modernismo racionalista como paradigma da arquitetura moderna reforçou essa hierarquização (Segawa, 2018).

Henri-Pierre Jeudy (2005) complementa essa análise ao argumentar que o patrimônio resulta de processos de estetização e seleção cultural. O que se transforma em patrimônio é fruto de escolhas políticas e simbólicas. Assim, a paisagem Art Déco em cidades médias pode ser compreendida como camada histórica cuja legitimação ainda está em disputa. Sua permanência física não garante reconhecimento simbólico, e sua transformação silenciosa revela dinâmicas contemporâneas de valorização imobiliária e reconfiguração funcional.

No caso de Ponta Grossa, cidade média consolidada como polo regional desde o ciclo tropeiro do século XIX e reestruturada com a implantação da ferrovia no início do século XX, a incorporação do Art Déco na área central coincide com período de dinamização comercial e industrial entre as décadas de 1920 e 1950. Essas edificações operam como fatos urbanos que materializam a memória de um projeto local de modernidade. Ao mesmo tempo, sua condição “fora do eixo”

PENSAR FORA DO EIXO

metropolitano contribui para que permaneçam à margem das narrativas hegemônicas sobre arquitetura moderna no Brasil.

Essa marginalidade historiográfica reforça a importância de abordagens que privilegiem experiências urbanas situadas. Como sugere Lepetit, a história urbana deve ser construída a partir da pluralidade das cidades e de suas especificidades, evitando centralizar a narrativa nas grandes metrópoles. A difusão do Art Déco em cidades médias revela que a modernidade brasileira foi múltipla e territorialmente diferenciada.

Desse modo, interpretar o Art Déco como representação da modernidade implica reconhecê-lo como linguagem arquitetônica, mas também como suporte de memória e campo de disputa simbólica. Ele expressa a tentativa de inscrição da cidade em circuitos mais amplos de reconhecimento e projeta determinada imagem de pertencimento ao tempo moderno. Ao permanecer na paisagem, essas edificações estruturam identidades; ao serem descaracterizadas ou negligenciadas, evidenciam tensões entre mercado, memória e preservação.

Assim, a análise do Art Déco em Ponta Grossa desloca o foco da descrição formal para compreensão da paisagem urbana como espaço de representação, memória e negociação social. A arquitetura torna-se chave interpretativa para entender como cidades médias brasileiras produziram suas próprias narrativas de modernidade e como essas narrativas permanecem, hoje, atravessadas por disputas sobre pertencimento, identidade e legitimidade patrimonial.

2 PONTA GROSSA: PAISAGEM, FERROVIA E MEMÓRIA URBANA

Embora a formação de Ponta Grossa esteja vinculada à atividade tropeira e à economia da erva-mate no século XIX, é a partir da década de 1920 que o município consolida de maneira mais expressiva sua posição como principal centro urbano do interior paranaense. A inserção na malha ferroviária no final do século XIX estabeleceu as bases dessa transformação, mas é nas primeiras décadas do século XX que os efeitos estruturais da ferrovia se tornam plenamente visíveis na organização espacial, na diversificação econômica e na redefinição da centralidade urbana (Monastirsky, 2006).

Conforme analisado por Sgarbossa e Souza (2025), a ferrovia não deve ser compreendida apenas como infraestrutura técnica, mas como elemento estruturador da formação socioespacial, capaz de reorganizar fluxos, redefinir hierarquias e consolidar centralidades. A partir de 1920, Ponta Grossa

PENSAR FORA DO EIXO

assume papel estratégico na rede urbana paranaense ao articular o litoral, o interior do estado e os eixos São Paulo–Rio Grande do Sul, fortalecendo sua condição de cidade média regional, nos termos discutidos por Sposito (2007).

Na década de 1920, o município já apresentava significativo dinamismo econômico. O Álbum do Paraná (1920) registrava aproximadamente 20 mil habitantes e mais de 400 casas comerciais, com forte presença do comércio atacadista. Em 1936, a população ultrapassava 43 mil habitantes e a cidade era descrita como grande entreposto comercial do oeste paranaense, utilizando-se inclusive o termo *hinterland* para caracterizar sua área de influência. Esses dados indicam não apenas crescimento demográfico, mas consolidação funcional e simbólica da centralidade.

A consolidação da centralidade materializou-se espacialmente no entorno do pátio ferroviário. Implantado inicialmente em área periférica, o complexo tornou-se vetor de reestruturação urbana. A rua Benjamin Constant consolidou-se como eixo atacadista; a rua Fernandes Pinheiro adquiriu função hoteleira e comercial; e a rua Ermelino de Leão concentrou atividades industriais vinculadas ao ciclo madeireiro. Tal especialização interna confirma que a centralidade não se expressa apenas pela posição da cidade na rede urbana, mas também pela reorganização hierárquica de seus espaços internos, conforme discutido por Corrêa (2007).

Entre 1920 e 1950, a morfologia urbana do centro foi profundamente qualificada. Pavimentação de vias, iluminação elétrica, instalação de cinemas, clubes e instituições financeiras produziram uma paisagem associada ao progresso. O centro tradicional tornou-se palco privilegiado de representação da modernidade, concentrando edifícios comerciais e administrativos que materializavam o poder econômico regional.

Nesse sentido, o espaço central pode ser interpretado como aquilo que Aldo Rossi (2001) denomina fato urbano, isto é, elemento da cidade que adquire permanência e significado coletivo, tornando-se referência para a memória social. A consolidação da centralidade ponta-grossense na primeira metade do século XX produziu uma paisagem que não apenas organizava fluxos econômicos, mas estruturava imaginários urbanos.

É fundamental compreender que essa paisagem central constitui também um campo de disputa por memória. Como argumenta Maurício de Abreu (1998), a memória das cidades não é espontânea nem neutra, mas resultado de processos seletivos que definem o que deve ser lembrado e o que pode ser esquecido. A centralidade construída entre 1920 e 1950 produziu edifícios, traçados e

PENSAR FORA DO EIXO

símbolos que representavam progresso, racionalidade e inserção regional. Entretanto, tais marcas nem sempre são reconhecidas como patrimônio digno de preservação (figura 2).

Figura 2. Rua Cel. Cláudio, 1950



Fonte: Acervo de Nélío Prado

A imagem evidencia a consolidação da centralidade urbana por meio da continuidade das fachadas comerciais, do alinhamento das edificações e da presença de elementos associados à linguagem Art Déco, configurando um ambiente urbano coerente e simbolicamente vinculado à modernidade. Essa conformação pode ser observada na Figura 2, na qual a continuidade das fachadas e a articulação entre espaço público e atividade comercial evidenciam a construção de uma paisagem urbana homogênea, associada à afirmação da centralidade e à incorporação de valores modernos.

A arquitetura Art Déco insere-se precisamente nesse ponto de tensão. Implantadas majoritariamente nas vias centrais estruturadoras, essas edificações não eram apenas soluções funcionais para comércio e serviços, mas signos visuais da modernidade. Sua geometrização, o uso de novos materiais e a ênfase na verticalidade pontual traduziam a imagem de cidade dinâmica e conectada às redes técnicas nacionais.

PENSAR FORA DO EIXO

Contudo, como destaca Lepetit (2001), a cidade deve ser compreendida como sobreposição de temporalidades, na qual diferentes camadas históricas convivem e competem por reconhecimento. A paisagem central de Ponta Grossa constitui um palimpsesto urbano onde o traçado oitocentista, a modernização ferroviária e a arquitetura das décadas de 1930 e 1940 coexistem. A permanência ou demolição dessas edificações revela disputas entre valorização imobiliária, memória coletiva e políticas patrimoniais.

A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (IBGE, 1956) confirma a consolidação da centralidade ao registrar a cidade como entroncamento rodoferroviário estratégico, com expressiva concentração de estabelecimentos industriais, comerciais e bancários. Entretanto, como documento institucional marcado pelo discurso desenvolvimentista, a publicação enfatiza a dimensão produtiva e estratégica, silenciando desigualdades socioespaciais e conflitos inerentes ao processo de urbanização.

Essa leitura crítica permite articular centralidade e representação. A paisagem construída entre 1920 e 1950 não apenas organizou fluxos econômicos, mas produziu narrativas sobre o papel regional da cidade. A materialidade do centro urbano operou como dispositivo simbólico de afirmação identitária, reforçando pertencimentos e hierarquias.

Ao mesmo tempo, a atual fragilidade da preservação da arquitetura moderna revela a condição ambígua desse patrimônio. Por sua proximidade temporal e por sua inserção em áreas de alta valorização imobiliária, muitos exemplares Art Déco tornam-se vulneráveis à substituição. Tal processo evidencia o que Abreu (1998) denomina esquecimento ativo, quando transformações urbanas promovem apagamentos seletivos.

Portanto, ao focalizar o período entre 1920 e 1950, evidencia-se que a consolidação da centralidade ponta-grossense foi simultaneamente processo econômico, espacial e simbólico. A ferrovia estruturou fluxos; o comércio atacadista consolidou funções; a arquitetura moderna produziu imagem urbana; e o centro tornou-se espaço de representação da modernidade regional.

Compreender essa paisagem como lugar de memória implica reconhecer que sua preservação não se limita à proteção de edifícios isolados, mas envolve a valorização das narrativas e das experiências que lhes conferem sentido. Nesse contexto, o mapeamento da arquitetura Art Déco no centro de Ponta Grossa contribui não apenas para a história da arquitetura, mas para o debate mais

amplo sobre representação, memória e disputas patrimoniais em cidades médias brasileiras, especialmente aquelas situadas fora dos grandes eixos metropolitanos.

3 LEVANTAMENTO MORFOLÓGICO, PADRÕES DE IMPLANTAÇÃO E LEITURAS SOBRE A PAISAGEM ART DÉCO

O levantamento empírico foi realizado in loco, por meio de trabalho sistemático de campo, no qual as pesquisadoras percorreram integralmente as vias delimitadas no polígono central de estudo. A identificação das edificações ocorreu a partir da observação direta das fachadas, análise morfológica preliminar, registro fotográfico e preenchimento de fichas padronizadas de inventário arquitetônico.

Esse procedimento permitiu não apenas o reconhecimento formal dos exemplares Art Déco, mas também a compreensão da inserção urbana de cada imóvel, considerando relação com o lote, alinhamento, tipologia, volumetria, elementos compositivos e estado de conservação. Posteriormente, os dados coletados foram georreferenciados, resultando na elaboração de mapa de distribuição espacial dos 146 imóveis identificados (figura 3).

A análise espacial do mapa revela concentração significativa ao longo dos eixos estruturadores consolidados entre 1920 e 1950, especialmente nas ruas vinculadas à dinâmica comercial e ferroviária. Esse padrão confirma a hipótese de que a difusão da linguagem Art Déco esteve diretamente associada aos momentos de maior afirmação da centralidade urbana e à consolidação do centro como espaço privilegiado de representação econômica e simbólica.

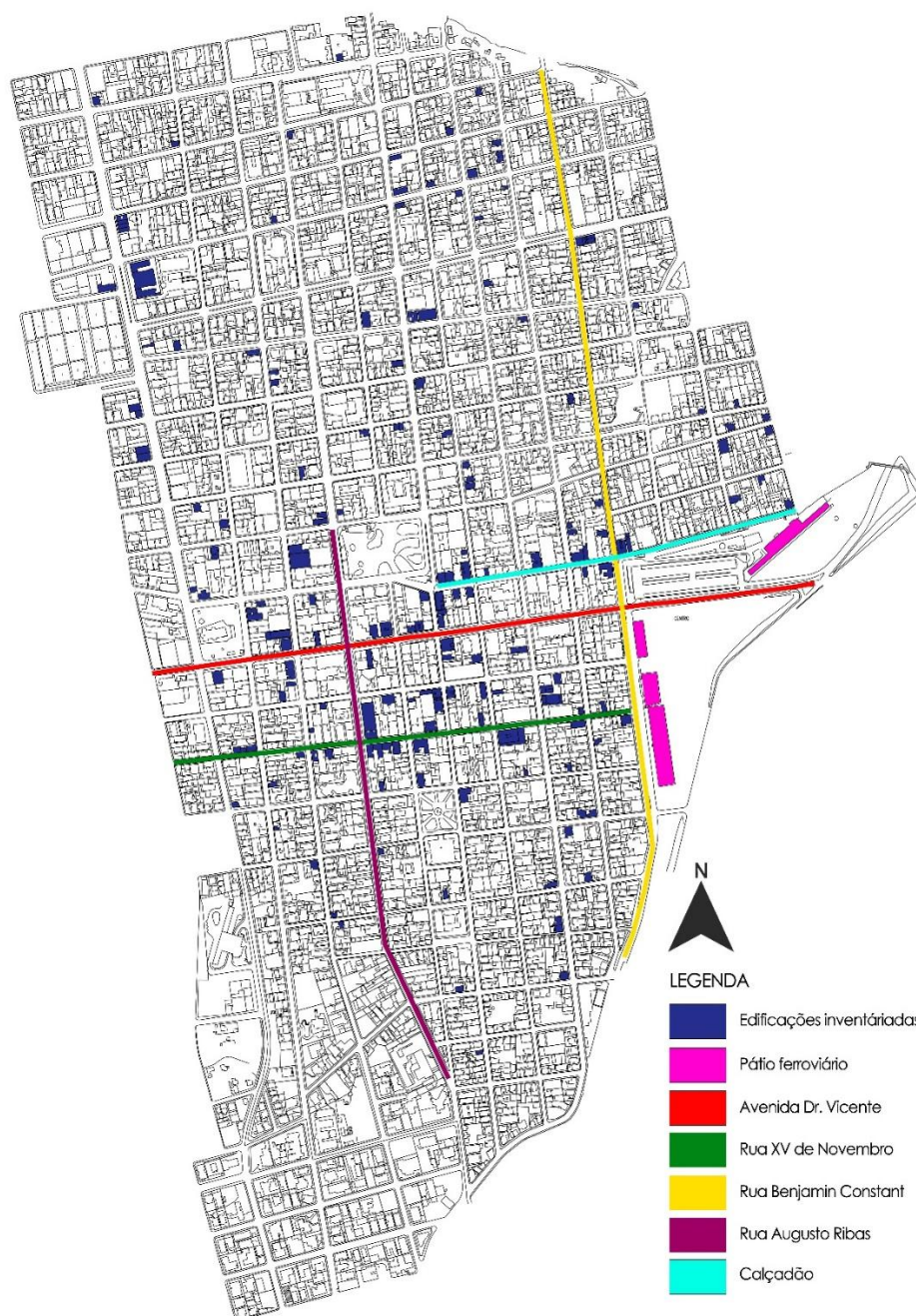
A presença de adensamentos em determinados trechos pode ser interpretada como expressão de ciclos de investimento urbano vinculados ao comércio atacadista, à instalação de serviços especializados e à valorização imobiliária do centro tradicional. Nesse sentido, a arquitetura não aparece como fenômeno isolado, mas como materialização de processos socioespaciais mais amplos.

A análise das fichas revela que apenas 19% das edificações mantêm originalidade nas esquadrias, enquanto 81% tiveram substituição completa desses elementos. Tal dado é

PENSAR FORA DO EIXO

significativo, pois as esquadrias metálicas ou de madeira constituem parte essencial da linguagem Art Déco, sobretudo quando associadas a desenhos geométricos ou caixilharias moduladas.

Figura 3. Mapa de localização dos imóveis identificados



Fonte: Adaptação das autoras, com base em Geoweb, 2022.

PENSAR FORA DO EIXO

A substituição majoritária indica processo contínuo de atualização comercial, adaptação funcional e, sobretudo, ausência de políticas de preservação voltadas à arquitetura moderna. Esse fenômeno reforça o argumento de Maurício de Abreu sobre o esquecimento seletivo na memória das cidades, em que determinadas camadas históricas são progressivamente descaracterizadas.

Quanto à implantação no lote, 57% das edificações apresentam acesso por escada, 22% possuem recuo frontal ou lateral e 21% mantêm quintal. A predominância do alinhamento direto à calçada confirma o caráter urbano consolidado do centro, enquanto os recuos pontuais indicam momentos posteriores de adaptação normativa ou valorização diferenciada.

Todas as edificações são de alvenaria estrutural, e a maioria dos telhados utiliza telha francesa, sendo apenas dois casos com cobertura metálica aparente. A homogeneidade construtiva demonstra padronização técnica compatível com o período de consolidação urbana entre as décadas de 1930 e 1940.

Embora a maioria das edificações tenha sido concebida como uso misto, com comércio no térreo e residência nos pavimentos superiores, atualmente predominam usos exclusivamente comerciais ou de serviços. Essa transformação funcional evidencia reconfiguração da centralidade, na qual o centro tradicional deixa de ser espaço de moradia e consolida-se como polo terciário. O processo acompanha fenômeno observado em diversas cidades médias brasileiras, no qual o esvaziamento residencial do centro ocorre paralelamente à intensificação do comércio especializado.

Essa mudança também impacta a preservação arquitetônica, pois adaptações comerciais frequentemente implicam substituição de portas, ampliação de vitrines e descaracterização de fachadas.

Embora o pó de pedra tenha sido revestimento recorrente na estética Art Déco, apenas 3% das edificações mantêm esse acabamento original. Atualmente, 56% utilizam pintura texturizada e 41% pintura lisa. A substituição dos revestimentos compromete leitura histórica das fachadas, apagando textura e cromatismo originais.

PENSAR FORA DO EIXO

Devido à dificuldade de acesso interno e ao baixo percentual de edificações com recuo, a análise concentrou-se nos elementos visíveis nas calçadas e acessos. Foram identificados granilite, pedra natural, ladrilho hidráulico, piso vermelhão e revestimento cerâmico. Esses materiais reforçam o caráter urbano consolidado e revelam permanências importantes da materialidade moderna.

Quanto ao número de pavimentos, 54% das edificações possuem dois pavimentos, 26% são térreas, 16% possuem três pavimentos e 4% apresentam quatro ou mais pavimentos. Nove imóveis possuem porão alto, elemento associado à adaptação topográfica ou à valorização volumétrica da fachada.

A predominância de dois pavimentos confirma padrão típico das cidades médias brasileiras no período, marcado por verticalização moderada, suficiente para afirmar modernidade sem atingir escala metropolitana.

A tipologia recorrente é mista, com platibanda escalonada, balcão, marquise, frisos verticais e horizontais. A composição enfatiza verticalidade controlada, ritmo geométrico e simplificação ornamental, elementos fundamentais da linguagem Art Déco. No que se refere às janelas, 56% são metálicas, 34% de madeira e 10% constituem folhas inteiras de vidro temperado.

A predominância de esquadrias metálicas confirma incorporação de técnicas modernas associadas à industrialização. As portas de entrada, em sua maioria, são de madeira almofadada com vidro trabalhado, indicando permanência de soluções híbridas entre tradição construtiva e modernização estética.

Entre os elementos recorrentes destacam-se a aplicação de mão francesa sob marquises e balcões, platibandas escalonadas, frisos geométricos e marquises em concreto. Como exceções pontuais identificam-se janelas em formato de escotilha, brasões com monogramas e ano de construção, elementos remanescentes do ecletismo tardio. Também se observou arborização em alguns terrenos e uso de arandelas, reforçando caráter residencial original em determinados casos.

PENSAR FORA DO EIXO

O conjunto dos 146 imóveis evidencia que o Art Déco em Ponta Grossa não constitui episódio isolado, mas camada significativa da consolidação da centralidade urbana entre 1920 e 1950. A concentração ao longo dos eixos comerciais demonstra associação direta entre linguagem arquitetônica e afirmação econômica.

Entretanto, os elevados índices de substituição de esquadrias e revestimentos revelam fragilidade patrimonial dessa produção. A paisagem central apresenta-se como campo de tensão entre permanência e transformação, memória e mercado.

A arquitetura Art Déco, ao mesmo tempo em que materializa momento de modernização regional, encontra-se sujeita a processos de descaracterização que comprometem sua leitura histórica. Assim, o mapeamento não apenas quantifica exemplares, mas evidencia necessidade de reconhecimento dessa produção como patrimônio cultural das cidades médias brasileiras.

A análise comparativa das fachadas dos 146 exemplares inventariados permitiu identificar padrões compositivos recorrentes e variações formais que expressam tanto a difusão da linguagem Art Déco quanto adaptações locais. Entretanto, para além da descrição estilística, é necessário compreender essas fachadas como dispositivos de representação urbana e como suportes materiais da memória coletiva.

A tipologia predominante corresponde a edificações de dois pavimentos, com platibanda escalonada, composição axial ou simétrica, frisos verticais e horizontais e marquises em concreto. A platibanda desempenha papel central na construção da imagem moderna, ocultando o telhado tradicional e projetando volumetria geométrica associada à racionalidade e ao progresso. Essa solução formal não deve ser lida apenas como recurso estético, mas como estratégia simbólica de afirmação da modernidade na paisagem central (figura 4)

Figura 4. Exemplos de fachadas Art Déco no centro de Ponta Grossa, atualmente

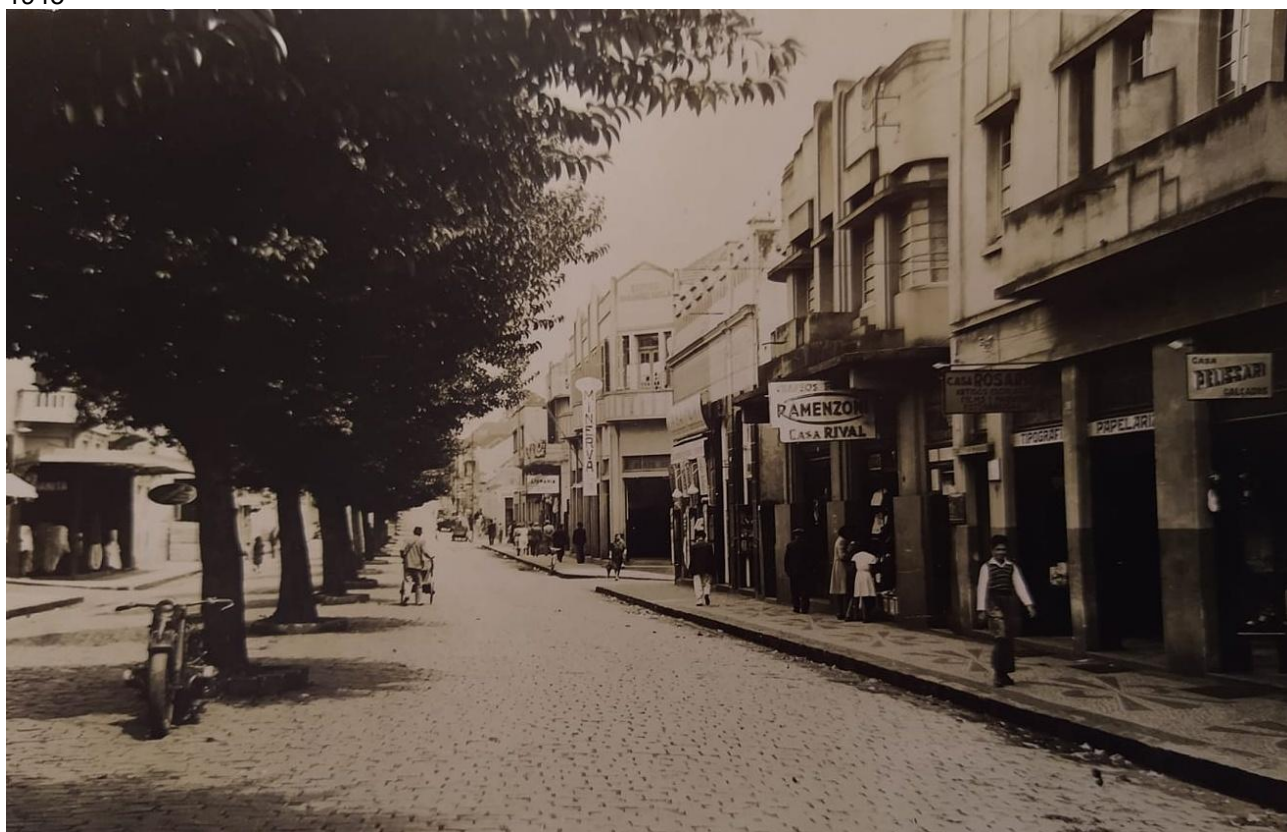
PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Autoras, 2026

Sob a perspectiva de Aldo Rossi (2001), tais edifícios podem ser interpretados como fatos urbanos. Para o autor, determinados elementos arquitetônicos adquirem permanência e capacidade de condensar significados históricos, estruturando a memória coletiva da cidade. No caso de Ponta Grossa, a sequência de fachadas Art Déco ao longo dos eixos comerciais consolidados entre 1920 e 1950 (figura 5) constitui marca material de um momento específico de afirmação econômica e regional. A repetição tipológica e o alinhamento contínuo reforçam essa condição de permanência estruturadora.

Figura 5. Sequência de fachadas Art Déco na Avenida Vicente Machado, no centro de Ponta Grossa, em 1945



Fonte: Acervo de Adson Gabino de Moraes Junior

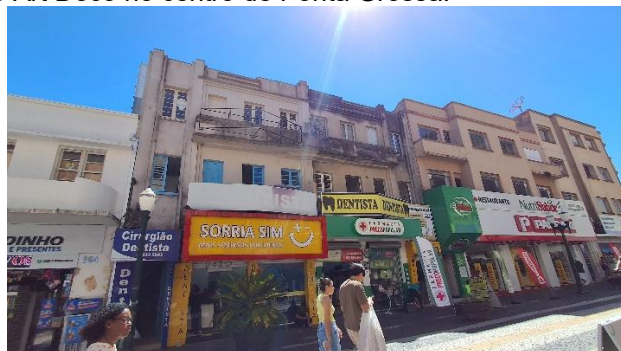
PENSAR FORA DO EIXO

Contudo, como argumenta Bernard Lepetit (2001), a cidade não deve ser compreendida como sucessão linear de estilos, mas como sobreposição de temporalidades que se articulam e entram em tensão. A paisagem central ponta-grossense apresenta-se como palimpsesto urbano, no qual convivem o traçado oitocentista, a reestruturação ferroviária e a modernização arquitetônica do período entre-guerras. As fachadas Art Déco constituem uma dessas camadas, inscrita sobre uma estrutura urbana anterior, reinterpretando-a sem apagá-la completamente.

Essa leitura permite compreender que a homogeneidade formal identificada no levantamento não indica simples reprodução estilística, mas apropriação localizada de repertórios modernos. A verticalidade simbólica sugerida por frisos e pilastras, ainda que em edificações de altura moderada, revela desejo de inserção em circuito moderno mais amplo. Trata-se de modernidade adaptada à escala da cidade média, na qual a afirmação formal substitui a monumentalidade metropolitana.

Entretanto, a permanência física desses exemplares não garante sua consolidação como patrimônio reconhecido. Conforme destaca Maurício de Abreu (1998), a memória das cidades é construção social seletiva, marcada por processos de valorização e silenciamento. A substituição de esquadrias, a aplicação de revestimentos contemporâneos e a ampliação de vitrines comerciais indicam que a camada moderna da paisagem ainda não foi plenamente incorporada ao repertório patrimonial local. O que se observa é um processo de desgaste simbólico, no qual a permanência estrutural convive com a descaracterização formal (figura 6).

Figura 6: Processo de descaracterização de edificação Art Déco no centro de Ponta Grossa.



Fonte: Autoras, 2026

PENSAR FORA DO EIXO

A análise das fachadas revela, assim, dupla condição. De um lado, elas constituem marcos materiais da consolidação da centralidade urbana, funcionando como fatos urbanos no sentido rossiano. De outro, sua fragilidade diante de transformações recentes evidencia que sua legitimidade como patrimônio permanece em disputa, conforme sugere Abreu ao tratar da construção social da memória urbana.

Elementos como marquises em balanço, mãos francesas metálicas, janelas geométricas e relevos decorativos funcionam como marcadores identitários. Sua recorrência cria ritmo visual contínuo ao longo das vias centrais, configurando ambiência coerente e reconhecível. Essa ambiência ultrapassa o valor individual dos edifícios e constitui conjunto paisagístico que expressa momento específico de modernização regional.

Nesse sentido, o diálogo entre movimento arquitetônico e memória se torna evidente. As fachadas Art Déco não apenas estruturam a morfologia do centro, mas participam da construção de imaginários urbanos associados ao progresso e à centralidade. Ao mesmo tempo, sua progressiva descaracterização revela tensões entre mercado imobiliário, uso comercial intensivo e preservação cultural. A paisagem moderna torna-se campo de disputa simbólica, onde se decide quais temporalidades serão valorizadas e quais poderão ser gradualmente apagadas.

A leitura conjunta dos 146 exemplares permite afirmar que o valor patrimonial do conjunto não reside apenas em casos excepcionais, mas na repetição tipológica que produz unidade formal. A sequência de fachadas alinhadas cria continuidade espacial que estrutura a experiência urbana do pedestre, configurando cenário onde memória, uso e representação se articulam.

Assim, a análise relativa das fachadas evidencia que o Art Déco em Ponta Grossa não deve ser compreendido apenas como estilo arquitetônico, mas como camada histórica da centralidade urbana e como suporte material de memória. Ao reconhecer essas edificações como fatos urbanos portadores de significado coletivo, amplia-se a compreensão do patrimônio moderno nas cidades médias e reforça-se a necessidade de políticas de

PENSAR FORA DO EIXO

preservação que considerem não apenas exemplares isolados, mas a ambiência construída e sua dimensão representacional.

Dessa forma, a leitura reafirma que a paisagem Art Déco do centro ponta-grossense constitui testemunho material da consolidação da cidade média regional entre 1920 e 1950 e integra o debate contemporâneo sobre representações, pertencimento e preservação do urbano, especialmente em territórios situados fora dos grandes eixos metropolitanos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permite compreender que a presença da arquitetura Art Déco em Ponta Grossa não constitui fenômeno isolado ou meramente estilístico, mas parte integrante do processo de consolidação da centralidade urbana e da afirmação simbólica da cidade como polo regional entre as décadas de 1920 e 1950. Inserida em uma rede urbana em reestruturação, impulsionada pela ferrovia e pela diversificação econômica, a cidade materializou em sua paisagem central os signos de uma modernidade que buscava afirmar progresso, dinamismo e inserção nacional.

Enquanto os grandes centros brasileiros passaram por reformas urbanas monumentais inspiradas em modelos europeus, as cidades médias construíram suas próprias versões da modernidade, adaptadas à sua escala e às suas condições econômicas. Em Ponta Grossa, essa modernidade não se manifestou por meio de grandes planos urbanísticos ou verticalizações intensivas, mas pela qualificação progressiva da centralidade e pela adoção de uma linguagem arquitetônica capaz de representar simbolicamente o avanço técnico e o fortalecimento comercial.

O Art Déco, entendido como linguagem amplamente difundida e adaptável a diferentes tipologias, revelou-se instrumento eficaz dessa afirmação. Presente em edificações de uso misto, comércios, serviços e residências, o estilo consolidou uma imagem urbana associada à racionalidade formal e ao progresso. Ainda que, sob o ponto de vista construtivo, muitas dessas edificações mantivessem técnicas tradicionais, sua expressão formal produziu forte impacto visual e simbólico na paisagem.

PENSAR FORA DO EIXO

O levantamento dos 146 imóveis permitiu identificar padrões morfológicos recorrentes, concentração espacial ao longo dos eixos comerciais estruturadores e processos significativos de descaracterização. A substituição de esquadrias, a alteração de revestimentos e as adaptações comerciais demonstram que essa camada da paisagem moderna se encontra em condição de vulnerabilidade patrimonial. A permanência física de grande parte das edificações não é acompanhada por reconhecimento institucional equivalente, revelando tensão entre memória urbana e dinâmicas contemporâneas de valorização imobiliária.

Ao longo da pesquisa, evidenciou-se que as fachadas Art Déco constituem mais do que registros formais: são suportes materiais de memória coletiva. Elas expressam momento específico de consolidação econômica, transformação urbana e construção de identidade regional. A sequência contínua dessas edificações no centro tradicional configura ambiência coerente que ultrapassa o valor individual de cada imóvel, compondo paisagem representativa da modernização ponta-grossense na primeira metade do século XX.

Nesse sentido, o estudo contribui para ampliar o debate sobre patrimônio moderno em cidades médias brasileiras, especialmente aquelas situadas fora dos grandes eixos metropolitanos. Ao evidenciar a presença significativa da linguagem Art Déco na centralidade urbana, a pesquisa reforça a necessidade de reconhecer essa produção como parte integrante da memória da cidade, evitando que processos graduais de descaracterização resultem em apagamento irreversível dessa camada histórica.

Compreender a arquitetura Art Déco como representação da modernidade regional permite deslocar o olhar da simples catalogação tipológica para uma leitura mais ampla da paisagem urbana como espaço de disputas simbólicas. A centralidade construída entre 1920 e 1950 não foi apenas resultado de crescimento econômico, mas também de estratégias de afirmação identitária que se materializaram nas fachadas, nas marquises, nos frisos e na volumetria das edificações.

Assim, o mapeamento e a análise realizados não encerram o debate, mas abrem possibilidades para novas investigações sobre preservação, políticas públicas e valorização

PENSAR FORA DO EIXO

da arquitetura moderna nas cidades médias. Ao reconhecer essas edificações como parte constitutiva da memória urbana, reafirma-se que a preservação do patrimônio não se restringe aos grandes monumentos ou aos estilos consagrados, mas deve incluir também as expressões arquitetônicas que, embora consideradas ordinárias, estruturam a experiência cotidiana e a identidade coletiva.

Conclui-se, portanto, que a paisagem Art Déco do centro de Ponta Grossa constitui documento material da consolidação da cidade média regional e integra o repertório de representações que moldaram sua identidade urbana ao longo do século XX. Preservá-la implica não apenas conservar edifícios, mas reconhecer e valorizar as narrativas históricas que essas formas continuam a sustentar no presente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano III, n. 4, p. 5-26, 1998.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001
- CHEMIN, Marcelo. **Cidade e turismo: retratos da paisagem urbana de Ponta Grossa, Paraná**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CORREIA, Telma de Barros. O art déco na arquitetura brasileira. **Revista UFG**. Goiânia. Ano XII. nº 8. 2010
- FRAMPTON. Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.
- JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- KNEBEL, Rosemeri Leane. Belle époque ponta-grossense: imigração, ferrovia, sétima arte e música. In: DITZEL, Carmencita de Holleben Mello; LÖWEN SAHR; Cicilian Luiza. **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros: Estado do Paraná**. Rio de Janeiro: IBGE, 1956. (Série Geográfica, v. 31).
- LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.

PENSAR FORA DO EIXO

LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. Estrutura interna e dinâmica social da cidade de Ponta Grossa. In: DITZEL, Carmencita de Holleben Mello; LÖWEN SAHR; Cicilian Luiza. **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001

MENDES, Chico; VERÍSSIMO, Chico; BITTAR, Willian. **Arquitetura no Brasil: De Deodoro a Figueiredo**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2015.

MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. A mitificação da ferrovia em Ponta Grossa. In: DITZEL, Carmencita de Holleben Mello; LÖWEN SAHR; Cicilian Luiza. **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001

MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. **Ferrovia e patrimônio cultural: estudo sobre a ferrovia brasileira a partir da região dos Campos Gerais (PR)**. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 8. ed. São Paulo: Edusp, 2023

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 2018.

SGARBOSSA, Gabriela Kratsch; SOUZA, Edson Belo Clemente de. Ferrovia e consolidação da centralidade regional em Ponta Grossa – PR. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE**, 2025, Macapá. Anais [...]. Campina Grande: ANPEGE, 2025.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

WEIMER, Günther. O conceito do Art Déco. **Revista UFG**. Goiânia. v. 12, n. 8, p. 9-13, jul. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/issue/view/1864>. Acesso em: 15 maio 2021.